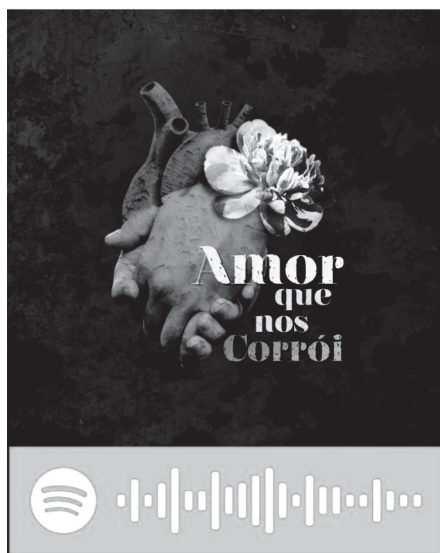


I A R A A N D R A D E



Playlist para corações corroídos



(faz scan com o teu Spotify)

Trigger Warnings

Violência explícita

Conteúdos sexuais

Morte

Notas importantes

Por preferência pessoal, algumas expressões estrangeiras foram mantidas no texto original deste livro. Esta escolha visa preservar o impacto e a autenticidade dessas expressões, que melhor captam o tom e o significado pretendido. Além disso, o livro utiliza tanto o antigo como o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, refletindo uma fusão entre as formas tradicionais e atualizadas da nossa língua.

Tal decisão foi tomada para garantir uma maior flexibilidade e acessibilidade ao leitor, independentemente da sua familiaridade com qualquer uma das normas.

Por fim, os diálogos seguem as regras de escrita dos textos em inglês, o que inclui a estrutura e fluidez típicas dessa língua, para assegurar a naturalidade e coerência nas conversas entre as personagens.

Título Original: Amor Que Nos Corrói

Autora: Iara Andrade

Copyright © Iara Andrade

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Miliza Andrade e Tânia Roberto

Revisão: Rita Félix

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Kevin Mendonça

Imagem de Capa: Artstation

Marketeer: Iara Andrade

1ª Edição: setembro de 2024

2ª Edição: junho de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Este livro contém conteúdos para adultos.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 544718/25

ISBN: 978-989-9166-86-8



Para os que acreditaram em mim e para os que menosprezaram
a minha voz e sonhos.

Sem vocês não estaria aqui hoje.

Foram e são a minha inspiração.

Nota de autora

Querido leitor, seja bem-vindo à história de amor mais trágica do ano.

Peço que não entre com expectativas inalcançáveis, mas sim com o coração disposto a ser despedaçado.

Obrigada por entrar nesta aventura de escrita comigo.

Com todo o carinho,
Iara

PS: o modelo de diálogo utilizado nesta obra é o inglês, o que não altera o conteúdo, apenas a estética do texto e algumas normas de funcionamento gramatical.

2023. “O Assassino da Camélia”.
Spokane Weekly. 05 de dezembro.

“No passado dia dois de dezembro, sexta-feira, dois indivíduos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, foram encontrados sem vida numa das margens do rio do parque Riverside, na cidade de Spokane, Estado de Washington.

O jornal Spokane Weekly apurou junto das autoridades locais que se trata de mais um ataque do Assassino da Camélia, história que temos vindo a acompanhar de perto através do trabalho da nossa repórter Mallory D’Andrade.

Nos últimos seis meses, a nossa estação tem vindo a desenvolver um trabalho de pesquisa e investigação intensivo com a polícia de Spokane County, de forma a descobrir a identidade do assassino em série que tomou a cidade de Spokane de assalto.

Segundo as nossas fontes, trata-se de um duplo homicídio, onde a vítima terá retaliado após ter sido atacada pelo homicida, levando esta estação a crer que poderá ter sido encontrado o tão infame Assassino da Camélia. A mesma acabou por falecer no local do crime.”

Capítulo 1

William “Fitz”

“Esta investigação vai levar-me à exaustão! Se não conseguirmos encontrar provas concretas na casa do Cortez amanhã, eu próprio plantarei provas falsas para poder prender aquele animal!” Estou sentado à bancada da cozinha acompanhado por Julliet, a minha esposa e fiel companheira de combate contra o crime. Os nossos dois filhos, *Nicky* e *Kathy*, dormem no segundo andar e o silêncio reina pela nossa enorme casa. Estamos imersos em papelada e copos de vinho.

“Nem brinques com uma coisa dessas *Will*! Esqueces-te de quem somos?! Só tens de te concentrar e fazer o teu trabalho. De preferência, bem feito e conseguirás as provas necessárias para que possamos condená-lo, juntos.” Julliet é a mais conceituada advogada no estado de Spokane e qualquer infração ou possível contorno da lei deixa-a exaltada. Especialmente porque ambiciona um dia ser juíza e, para lá chegar, a sua carreira tem de ser exímia, e um marido que seja corrupto, seria uma mancha tremenda no seu currículo.

Somos considerados um “*power couple*” como diz *Kathy*, com os seus conceitos de adolescente. Eu, o inspetor com o historial de mais casos resolvidos por estes lados nos últimos dez anos, e a Julliet, a advogada com o maior número de casos ganhos em tribunal, mas quem é que está a contar? Ela. Ela mantém tudo sob análise. Até à data de hoje só perdeu um caso e digamos que isso ainda lhe está atravessado. Ela é aquilo a que gosto de chamar “monstro de trabalho”. E gosta de se rodear por pessoas com a sua ética e dedicação. Eu sou assim e é óbvio que jamais corromperia uma investigação, mas parece que às vezes a Julliet não me conhece bem.

Estou neste momento a investigar uma rede de droga com o meu parceiro Brent, e o desfecho desta investigação vai determinar o futuro da minha carreira. Se tudo correr bem, poderei vir a assumir o cargo de Capitão. O que, honestamente, será um sonho tornado realidade. Com apenas trinta e cinco anos serei o Capitão mais jovem de sempre a assumir o cargo na esquadra de Spokane County.

“Sabes bem que estou a dizer isto por dizer, *Jullie*... Era incapaz de o fazer. O meu trabalho é o que de mais sagrado tenho na vida!”

Ela para de escrever e levanta os olhos na minha direção, com uma cara de desaprovação. Porra.

“Não foi isso que quis dizer... Vocês são o que tenho de mais importante na minha vida! Obviamente. Mas sabes bem o quanto tenho trabalhado por esta promoção. E agora que estou tão perto de a obter, estou constantemente ansioso. Odeio a possibilidade de falhar. Mais do que qualquer outra coisa, para ser sincero.”

“Eu sei que sim William. Mas primeiro, és o melhor inspetor que a esquadra tem, caso contrário não terias o histórico que tens. E segundo, mesmo que esta investigação não dê em nada, continuas a ser a pessoa mais qualificada para o cargo. Todos sabem que, quer coloques o Cortez atrás das grades ou não, o Theodore vai nomear-te o seu substituto. Por isso relaxa e foca-te apenas. Eu acredito em ti, só tens de fazer o mesmo.” As palavras dela saem naturalmente e com convicção, o que me transmite confiança e uma certa calma. Estamos juntos há quinze anos e ainda me pergunto como é possível que nos entendamos tão bem. Ela é a minha melhor amiga e tem um efeito calmante sobre mim, especialmente em momentos de maior pressão. Ajudamo-nos de forma mútua, acho eu. Esta mulher tem uma postura dura e não sei porque concordou casar comigo, pois sinceramente conseguiria dominar o mundo sozinha.

Por momentos, fico a olhar para o vazio, a pensar nas suas palavras. O lugar de Theodore, o nosso Capitão atual. O homem que me guiou durante o meu percurso e que me fez ser aquilo que sou hoje. Espero mesmo ter a capacidade de preencher o vazio que ele vai deixar. A idade não é muita, mas a saúde não é a melhor e ele pediu a reforma antecipada, que, com base no seu currículo extraordinário, foi concedida sem qualquer impedimento.

“Eu sei. Simplesmente não quero, nem posso falhar com esta investigação. Este cartel vai ser desmantelado, custe o que custar.” A convicção na minha voz é notória. E Juliet nem precisa de concordar para eu saber que ela tem noção disto. Ela sabe que eu sou assim mesmo, feroz no que toca a alcançar os meus objetivos. Foi assim que a conquistei há anos e foi de igual modo que a convenci a passar o resto da sua vida comigo, ainda que achasse que não era merecedor da sua confiança.

Passo uma vista de olhos pelos ficheiros que tenho à minha frente e foco-me em analisar eximamente as plantas da casa do Cortez. Serão elas que me facilitarão entrar e investigar a mansão.



Passada uma hora, o cansaço atinge-me e decido acabar com a sessão de “estudo”. Fecho as pastas, retiro os óculos e despeço-me da Juliet, que ainda continua vidrada no computador.

“Bem, vou-me deitar. Preciso de descansar. O dia de amanhã vai ser exigente. Vens comigo ou ficas mais um pouco?” pergunto, arrumando a pilha de papéis que tenho em cima da bancada. Pertencer a uma equipa de investigação criminal exige imenso da vida de uma pessoa e não há uma linha que separe o horário laboral do tempo livre, especialmente quando temos um caso importante entre mãos. O trabalho nunca fica fora de portas na nossa casa.

“Vai andando. Vou ficar por aqui pelo menos mais uma hora. Não é só o futuro Capitão que tem trabalho acumulado,” diz ela com um pequeno sorriso “além disso, está imenso frio, não consigo dormir para já. Vou tentar não te acordar quando me deitar.” Infelizmente, este é um cenário comum cá por casa. Um de nós acaba sempre por ir para a cama sozinho, ou deitar os miúdos, enquanto o outro fica a trabalhar. Digamos que para sermos um casal de sucesso, isso implica também fazer imensos sacrifícios e não passar tempo juntos é um deles. Mas eu compreendo e até agradeço, porque gosto do meu espaço. Só não sei até quando é que esta rotina que estabelecemos vai durar sem provocar danos emocionais... Mas tento não pensar nisso. Pelo menos, não para já, quando estamos ambos perdidos em trabalho.

Despeço-me de Juliet com um beijo na sua bochecha e dirijo-me ao segundo andar, onde se encontram os quartos.

Passo primeiro pelos quartos dos miúdos, para verificar se está tudo bem, algo que já se tornou um hábito. Garantir que estão todos em segurança antes de garantir que eu próprio estou. Acho que mais que um traço de personalidade, é um traço de profissão.

Quando chego ao quarto da *Kathy*, esta dorme que nem uma pedra abraçada a um dos seus peluches de eleição, que nem faço ideia de onde o foi desencantar. Confesso que passo pouco tempo com ela e com o Nicholas para poder conhecer todos os pormenores das suas vidas. Continuo a dizer a mim mesmo que um dia mais tarde eles vão beneficiar de ter tido um pai e uma mãe que trabalharam tanto para lhes dar o melhor, mas há sempre um sentimento de culpa e de saudade que me preenche quando fico a olhar para eles a dormir. Questiono-me imensas vezes se todos os sacrifícios que fazemos, especialmente no que toca à nossa família, valerão a pena... Mas não partilho

as minhas dúvidas com a Juliet. Ela ama-me pela pessoa confiante e segura que sempre demonstrei ser. E sei que ela é feliz com a vida que levamos. Mas mesmo assim, não deixo de pensar no futuro, e no que nos reservará.

Sempre soube que seria polícia. Estava-me no sangue e nunca questioneei. Em criança, deliciava-me a ver os filmes da *Academia de Polícia* e sempre disse que queria ser como eles; ou melhor, eu queria honrar a farda e as insígnias. No entanto, nunca ambicionei construir uma família, conhecer uma mulher que me fizesse querer assentar. Até porque sabia de antemão o quão complicada a minha vida profissional seria. Porém, a Juliet era exatamente como eu. Partilhávamos os mesmos objetivos, a mesma ferocidade em persegui-los e tínhamos apenas um objetivo em mente: ser os melhores nas nossas profissões.

Quando a pedi em namoro, até a mim me surpreendi. Andávamos na mesma faculdade, e dado que passávamos a maior parte do tempo juntos a estudar e a falar sobre criminologia, a ver documentários antigos e a não ter uma vida social, achei que fazia sentido chamá-la de minha namorada.

A partir daí foi uma sequência de eventos não ponderados que nos fez acabar casados e com uma filha nos braços aos meus vinte e dois anos.

Pedi-a em casamento porque a tinha engravidado, isso é certo. Ela aceitou, porque fazia sentido para o futuro que visionava. Não foi um pedido estrondoso com rosas, velas e essas merdas que atualmente requerem um organizador que custa mais que o anel.

Levei-a a jantar fora, olhei para ela e tirei o anel do bolso do casaco. Algo muito simples e minimalista, mas que para nós significava tudo. Ela aceitou, e fez de mim o homem mais feliz do mundo naquele momento.

Nunca ambicionei ser pai, mas quando vi o pauzinho espetado na mão da Juliet há treze anos, a verdade é que nunca me tinha sentido tão preenchido e orgulhoso. Eu tinha feito aquilo, aquele pauzinho retratava um futuro bebé, meu, nosso. Estava ainda a estudar e a Juliet também, mas achava que conseguiria ser bem-sucedido em todos os papéis a desempenhar: marido, pai, inspetor... Mal sabia o quão difícil seria e o que exigiria de mim, de nós.

Dou por mim a contemplar o cenário à minha frente e sinto-me triste com o facto de não conhecer tão bem a pequena princesa de treze anos que tenho esparramada na cama, sob um céu de estrelas brilhantes. Dirijo-me à sua cama e deposite um leve beijo nos seus cabelos louros, que estão espalhados pela sua almofada roxa. Sim, nesta casa o roxo é que reina, decreto da princesa. Isso eu sei.

Saio do seu quarto e caminho cabisbaixo em direção ao quarto do Nicholas, o nosso filho mais novo. Aquele que colocou tudo em perspetiva com a sua chegada. A Juliet passou muito mal com a gravidez de *Kathy* e jurou, durante o

parto, que não iria voltar a passar por tamanha dor na vida. Escusado será dizer que cinco anos mais tarde, sob a pressão dos meus sogros, a minha mulher sucumbiu e acabou por me “convencer” a enveredar em mais uma gravidez.

Quando soube que seria um rapaz delirei. É o sonho de todos os homens, criarem uma miniatura sua, a quem possam ensinar todos os desportos existentes, terem conversas de macho e sinceramente, partilharem algo em comum. O *Nicky* foi o meu presente nesta vida. Soube que seria o meu melhor amigo assim que o vi de olhos postos em mim, quando ainda mamava no peito da Juliet, cerca de dois minutos depois de nascer.

Amo ambos com a mesma intensidade. Mas o Nicholas é o meu menino e um dia espero que siga as minhas pisadas pelo caminho da lei.

Quando chego à porta do seu quarto, encontro a luz de presença ligada e um rapazinho com os olhos bem abertos, a olhar para o teto, também coberto de estrelas cintilantes, de forma muito pensativa.

Entro devagar, para não o assustar, e sento-me ao fundo da cama. “Então *Nicky*, já não devias estar a dormir, companheiro? Amanhã temos de acordar cedo para te levar a ti e à *Kathy* à escola. E se não dormires bem, sabemos que para acordar vai ser um filme de terror.” Os seus olhos mantêm-se no teto, ignorando a minha presença. Avanço mais para ele e tento uma abordagem mais carinhosa, algo que só reservo para os meus filhos nos dias que correm.

“*Nicky*... o que se passa, filho? Precisas que o pai te conte uma história para adormeceres ou preferes que te vá aquecer uma caneca de leite?” Mantém-se imóvel, olhando para o mesmo sítio, mas desta vez fala com a sua micro voz, quase como num sussurro.

“Estava a dormir. Acordei com um pesadelo. Mas não preciso de nada disso, papá. Obrigado na mesma.”

“Tens a certeza? Se não consegues dormir, temos de fazer alguma coisa acerca disso, pequenote.” É engraçado o quão calmo sou com os meus filhos, quando em comparação, com todos os outros à minha volta sou como uma pedra.

Nicholas move-se, levantando-se e posicionando-se à minha frente. Quando fala, o meu peito gela.

“Podes fazer algo por mim papá. Podes não morrer, por favor?” O seu pedido deixa-me perdido. Com que raio anda o meu miúdo a sonhar?

“Então Nicholas, que conversa é essa? Eu não vou a lugar nenhum. Pelo menos não para já. As pessoas morrem quando já são mais velhas, muito mais velhas. Podes ficar tranquilo. Estou aqui e vou estar contigo durante muitos anos.” Passo a mão pelo cabelo despenteado do meu filho, tentando transmitir o conforto de que necessita.

“Então por que morreste no meu sonho?” questiona o meu filho, olhando-me com um olhar inquisidor.

“Não passa disso mesmo, companheiro. Foi só um sonho, neste caso, um dos maus. A tua cabeça inventa realidades alternativas quando dormes, às vezes sem razão aparente. Podes ficar descansado.” Ele continua a olhar para mim por alguns segundos e depois deixa-se cair no colchão. Aconchego-o e dou-lhe um beijo na testa.

“Boa noite, filho. O pai ama-te muito. E prometo que ainda vais ter muito tempo comigo. Ainda tenho de te ensinar a jogar futebol e a segurar um taco de hóquei. Vais ser o melhor em todos os desportos!”

“Eu também te amo, papá. Mas por favor, não me obrigues a praticar esses desportos todos. Penso que vou ficar muito cansado e sem tempo para brincar.” O meu filho é demasiado perspicaz para o nosso bem. Quando solto uma gargalhada em resposta à sua afirmação, ele volta a falar. “Papá, ainda bem que não vais levar um tiro e morrer. Eu teria imensas saudades tuas.” Com isto, paro a meio passo, giro sobre os meus calcanhares e encaro o rapazinho que agora fecha os olhos para entrar no mundo dos sonhos novamente, com a esperança de que tais pensamentos abandonem a sua mente. Um tiro. Só de pensar nisso fico maldisposto...

Fecho a porta do seu quarto e encosto-me nela. Estou agitado com o dia que se avizinha. Será um dos mais importantes da minha carreira e está tudo em jogo para mim. Mas as palavras do meu filho não abandonam o meu subconsciente.

“Ainda bem que não vais levar um tiro e morrer...”

Ele pode ter sonhado com aquilo, mas a verdade é que o dia de amanhã será complicado, e levar um tiro é algo que, na minha carreira, por mais que tenhamos prudência, não é impossível.



Quando me deito na minha cama vazia, não sinto a falta da Juliet, nem penso nos meus filhos. A minha mente vagueia automaticamente para todos os protocolos que tenho de aplicar amanhã, para garantir que tudo corre como planeado, resultado da conversa com o Nicholas.

Deixo-me levar pelo silêncio do quarto e fecho os olhos. Do nada vejo o Cortez a dar-me um tiro, e o Nicholas a gritar por mim, enquanto caio numa espiral negra, em direção ao abismo.

Agora quem está perdido no mundo dos sonhos sou eu.

Capítulo 2

William “Fitz”

O relógio marca as 5h30. Estou acordado desde as 4h00. Não consigo dormir e muito menos descansar. Hoje é o dia mais importante da minha vida. Profissional, quero eu dizer.

Daqui a umas horas deverei ser, formalmente, nomeado como substituto do *Theo* depois de prender Cortez, um dos maiores traficantes de droga do nosso condado.

Cortez é um escumalha da pior espécie e anda há anos a traficar droga, longe do radar e dos olhos dos mais despistados. Mas para alguém atento como eu, foi fácil de interceptar a sua atividade. Difícil mesmo é arranjar provas suficientes para que seja condenado com uma pena perpétua.

Ando há um ano e meio a tentar reunir provas que sejam firmes em tribunal. A nossa equipa instalou um infiltrado no seu gangue de distribuidores e fomos conseguindo, aos poucos, a informação de que necessitávamos para avançar com a investigação. Tudo graças ao trabalho espetacular de Jack, o infiltrado, que tendo acabado de sair da academia, teve imensa coragem em aceitar o desafio. E é sem dúvida, muito graças ao seu esforço, que estamos onde estamos e que conseguimos um mandado para entrar em casa do Cortez.

Hoje é o Dia D, a grande operação. Vamos até ao seu covil para apanhá-lo com as mãos na massa. O Brent e eu estamos mais do que preparados para aquilo que se vai passar, mas não deixa de aparecer um friozinho na barriga, especialmente depois do pesadelo do Nicholas e da minha noite mal dormida.

Cortez é um sacana frio, calculista e um criminoso do pior. Inclusive, já ocorreram alguns episódios mais *hardcore* que, apesar de não termos conseguido associá-los às suas atividades, tenho quase a certeza de que ele esteve por detrás de tais atrocidades. Assim que lhe puser as mãos em cima, quero sacar-lhe todas as informações que ele me possa dar acerca de todos os crimes que desconfio estarem ligados às suas ações. Porque, se ele quiser ter sequer uma chance de chegarmos a um acordo no que toca à sua pena, ele vai ter de falar.

Quando o prendermos, assim como os seus súbditos, Spokane ficará livre de uns quantos montes de merda a vaguar pelas suas ruas. E poderei dormir descansado, por saber que este tipo de monstro não vai sequer chegar perto de mais adolescentes como fez no passado, forçando-os a vender droga nas escolas do nosso condado. Além disso, esta noite poderei deitar-me na minha cama como Capitão William Sargeant.

Estou deitado, mas todos estes pensamentos, suposições e expectativas estão a deixar-me ansioso. Levanto-me e dirijo-me à porta do quarto.

Saio sem acordar a Julliet, passo pelos quartos dos miúdos, e constato que estão a dormir como anjos. Entro na casa de banho e tomo um duche de água gelada. O frio sempre me ajudou a pensar melhor e a acalmar o nervosismo. Não vale a pena negar, estou nervoso como nunca estive, nem mesmo quando Julliet estava na sala de partos a ter os nossos filhos.

Quando saio, visto umas calças de fato de treino e caminho para a cozinha. Continuo ansioso e preciso urgentemente de me acalmar. Começo a retirar ingredientes dos armários e, sem dar conta, estou a fazer o pequeno-almoço: panquecas para os miúdos e ovos mexidos com bacon para mim e para a Julliet. Cozinhar é algo que raramente faço, mais pela falta de tempo e não por não me saber desenrascar. Aliás, entre nós os dois, eu sempre me saí melhor do que a Julliet na cozinha, o que me faz remontar aos nossos primeiros tempos como casal. Fui eu que a conquistei pelo estômago e não o contrário; vantagens de ser filho de pais separados e ter de me desenrascar quando estava sozinho em casa. Atualmente, como não temos tempo para nada, acabámos por contratar uma empregada a tempo parcial, que nos prepara as refeições principais e vai mantendo a casa organizada. É uma ajuda crucial e assim, pelo menos, os miúdos vão vendo uma cara constante cá por casa.

Por norma, a Julliet trata do pequeno-almoço: cereais para os miúdos e café para nós. Mas hoje, não me importo de assumir essa tarefa. Os miúdos vão delirar quando virem o monte de panquecas que está pousado na bancada da cozinha.

Quando dou pelo tempo, já são 6h00 e está na hora de começar a acordar toda a gente. Começo pelos meus filhos, chamando-os calmamente e trazendo-os atrás de mim para que se sentem a comer.

“Uau, pai! Fizeste tudo isto?” pergunta *Kathy*, surpreendida, enquanto *Nicholas* se senta no seu local habitual, à cabeceira da bancada.

“Pai, posso comer cinco panquecas com xarope? Estou esfomeado!” *Nicky* resmunga de fome e lança-se ao prato das panquecas.

“Calma, pequenote! O papá preparou, sim, toda esta comida, porque vocês são os meus monstros favoritos! AHHHHHHHHH” Ataco-os a

ambos com beijos e abraços, que não me valem de nada, porque: a) o *Nicky* quer apenas panquecas e o leite com chocolate aquecido, e b) a *Kathy* acaba de me lançar um olhar assassino enquanto limpa as bochechas, onde depositei pequenos beijos.

Ah, a beleza de ser pai de uma “pré-adolescente”, como ela se intitula. Que Deus me ajude nessa batalha que será o seu crescimento. Não estou preparado.

“*Kathy* não sejas tão... adolescente. E *Nicky*, não podes comer cinco panquecas filho, depois vais ficar com dores de barriga. Não queres isso, pois não?! Vá, o pai vai-vos servir e depois, *Kathy*, fica de olho no teu irmão enquanto vou acordar a vossa mãe. Combinado?” O sim sai de uma boca cheia, já rodeada de xarope e chocolate. Já o *Nicholas* nem dá por mim a sair da cozinha, porque está devoto a comer as suas panquecas a uma velocidade nada saudável.

Adoro poder providenciar estes momentos, ainda que sejam poucos.



A minha ansiedade está mais controlada, ver os meus filhos felizes, tem sempre esse efeito calmante, mas continuo sobressaltado. Suponho que seja algo que me vai perseguir durante o dia de hoje, independentemente do que faça.

Quando entro no quarto, a *Julliet* já está a sair da nossa casa de banho, com uma toalha enrolada à sua volta. Pequenas gotas de água escorrem pelo seu corpo, deixando um rastro molhado pelo nosso quarto.

Para uma mulher de trinta e oito anos, mãe de dois filhos, ela continua *sexy* e apetecível a todos os níveis. Basicamente, é um avião que está muito longe do meu hangar.

Ao olhar para ela, percebo que talvez precise de outra coisa para aliviar o *stress*, com ênfase na palavra aliviar. Há dias que já não fazemos sexo e, por muito que tente não ligar a isso — até porque esta situação é causada por ambos — não consigo evitar que os meus desejos mais profundos se evidenciem perante a visão da minha mulher, nua e completamente pronta para mim.

Agarro-a pela cintura e, em resposta, ela lança um gritinho de surpresa. Quando se dá conta da minha intenção, lança os braços à volta do meu pescoço. Desço a minha mão até à sua coxa e deslizo os dedos até à sua entrada, nua e despida de quaisquer pelos. Deus... Agora estou ansioso e cheio de tesão.

“Bom dia...”, ronrona ela, enterrando a cabeça no meu pescoço. A minha mão aperta mais a sua cintura e os meus olhos reviram com o desejo que se está a amontoar.

“Bom dia, *Jullie*. Fico feliz por ver que tens aqui” — aperto o seu clítoris entre os meus dedos para dar ênfase à minha afirmação — “uma surpresa para mim.” A minha voz é sedosa e elucidativa.

“Imaginei que logo poderíamos dar uso à dita “prenda”, depois de um certo inspetor, se tornar Capitão. Alguém vai merecer uma prenda pela promoção, não achas?” O seu tom está entrecortado, reação à minha massagem contínua na sua zona sensível, mas sinto-a reticente.

“Queres que pare, *Jullie*?” questiono.

“Não é isso, é só que os miúdos podem entrar, e eu não queria estragar a surpresa. Estava a guardá-la para logo. Até porque sabes que não se deve celebrar antes do tempo. Pode dar azar.” Azar? Não sei o que se está a passar neste momento, mas a postura dela é muito estranha. Mas não tenho tempo para pensar muito nisso, ou avanço ou ela tem razão, os miúdos vão entrar.

“Estou mesmo a precisar de libertar tensão, e, digamos que, estás a deixar-me duro que nem um osso! Por isso, podia ter um *sneak peak* do que tens para mim, o que achas?”. A verdade é essa, eu estou duro que nem pedra. Ela ri-se nervosamente e empurra-me, fazendo-nos cair sobre a cama.

Quando começa a retirar a toalha, começa também a fugir-me e um conjunto de passos faz-se ouvir escada acima.

“Foda-se! Os miúdos vêm aí! Tapa-te rápido!” Óbvio que não me esqueci dos miúdos, apenas pensei que com aquele pequeno-almoço, ficassem entretidos, mas claro que não. Era pedir demais.

“Papáaaaaa! A Katherine não me deixa comer mais panquecas! Tenho fome! Podes ir gritar com ela!” grita Nicholas, enquanto abre a porta do quarto para encontrar uma mãe seminua e um pai num posicionamento estranho para cobrir a ereção que, neste momento, assume o tamanho da Torre de Pisa (e possivelmente o mesmo formato).

Porra, lá se foi a oportunidade de aliviar a tensão que vinha acumulando... corro para a casa de banho e tento, por todos os deuses, baixar o meu pau, mas sem sucesso.

Imagina se tivesses tido sorte, companheiro. Aborta a missão.

Enquanto lido com o embaraço de aparecer na frente do meu filho nestas condições, a Julliet lida com ele.

Atrás da porta da casa de banho, a respirar fundo, consigo ouvi-la a perguntar o que ele estava a fazer acordado tão cedo.

“O papá acordou-nos mais cedo para podermos comer um banquete, mamã,” diz *Nick*.

“Ai sim?” questiona Julliet, com um tom de incredulidade na voz. “E quem

preparou dito banquete? As fadas domésticas? É demasiado cedo para a Consu estar cá por casa.”

“Mãe, o pai preparou tudo com as suas próprias mãos,” diz *Kathy*, já à porta do nosso quarto. Pronto, a minha tentativa de dar uma queca está oficialmente cancelada. *Podes baixar, amigo.*

“Oh... o vosso pai fez isso tudo? Preciso de ver isso com os meus próprios olhos. Vão andando até à cozinha, que já vos apanho. Vou-me vestir num instante e já desço. *Kathy*, deixa o teu irmão comer o que ele quiser. Mas só desta vez *Nicholas!*” *Julliet* é perfeita a liderar. Melhor que eu.

“Mas mãe...” A minha filha tenta refutar quando saio da casa de banho e a interrompo.

“Não há problema, filha. Podes dar-lhe mais uma panqueca. Só não abuses no xarope, *okay?*” A princesa que está à minha frente, ainda com cabelo desgrenhado, afirma com a cabeça e sai disparada atrás do irmão.

“Podias ter-me avisado de que os miúdos já estavam acordados, *William*... Era o que mais me faltava, ser apanhada a fazer sabe lá Deus o quê pelos nossos filhos.” *Julliet* está irritada, consigo perceber isso a léguas. E a sua reação está a ser exagerada; talvez se me tivesse deixado avançar com a minha investida, agora podia estar bem mais relaxada.

“*Jullie*, vá lá, não comeces a *stressar*. Acordei mais cedo, não conseguia continuar a fingir que estava a dormir. Fui ao duche e, como tinha imenso tempo livre, fiz o pequeno-almoço para todos nós. Acordei primeiro os miúdos porque sei que tiveste uma longa noite. Quando te vi só embrulhada na toalha, não pensei em mais nada. Mas, se te tranquiliza, eu não vinha aqui para ter sexo, e sim para te acordar, para podermos ter uma refeição familiar logo pela manhã. Hoje é um dia importante e quero começá-lo da melhor maneira.”

“Hm... és o mais atencioso. Comigo e com os nossos filhos. Adoro-te por isso. Não precisas de estar nervoso, *William*, sabes disso, certo?” Porra, mesmo que não quisesse fazer transparecer os meus sentimentos, já são muitos anos juntos. Ela sabe ler-me muito bem.

“Sabes bem que o dia de hoje tem uma importância extrema na minha carreira, nas nossas vidas. É normal sentir-me um pouco nervoso...” Tento parecer o mais descontraído possível, mas a minha voz não soa a descontração, pelo contrário.

“Se o dizes... Mas para teres cozinhado, é porque esse teu nervosismo vai mais além do que me estás a tentar fazer crer. De qualquer modo, já sabes que não tens nada a temer, certo? Eu confio no teu trabalho. A esquadra inteira confia em ti. E tu tens de começar a confiar mais nas tuas capacidades. Vai

correr tudo conforme o planeado, *Will*.” A Julliet deposita um beijo casto na minha bochecha quando termina de falar e, apercebo-me de que, enquanto estávamos aqui a empatar, ela foi-se vestindo.

“Então, e a minha prenda antecipada? Se confias tanto em mim e nas minhas aptidões, podes dar-me agora uma parte desse presente para... digamos aliviar o meu *stress*, não acha, cara advogada?” Uso o meu tom mais *sexy* para tentar dissuadi-la de vestir a saia que traz do roupeiro, mas sem sucesso, pois ela continua a puxá-la pelas pernas acima. O seu rabo está apertado nas curvas do tecido. Toco nas minhas partes masculinas, apertando-as um pouco para fazer diminuir a vontade que se faz sentir de novo.

“Meu caro inspetor, garanto-lhe que não duvido das suas aptidões em nenhum dos departamentos da sua vida. Porém, devido à sua necessidade de ser o melhor em tudo, inclusive na cozinha e como pai, temos duas crianças sentadas à nossa espera. E, antes que destruam tudo o que há para destruir na cozinha, creio que devemos descer para os acompanharmos na refeição familiar que preparou com tanto amor.” O seu tom é sarcástico e aliviado, mas decido ignorar a estranha sensação que surge no meu estômago, porque apesar de raros, os momentos em que a Julliet baixa a guarda são os momentos em que mais me faz lembrar da mulher que outrora foi.

“*Touché*. Faça favor, siga atrás de si. A vista nessa saia é quase tão boa quanto aquilo que queria que me fizesse com a sua boca” digo num tom ordinário.

“Não se entusiasme demais, inspetor. Não queremos cassetetes à solta cá em casa, muito menos à frente das crianças, pois não?” Julliet vira-se, piscando-me o olho enquanto me lança um sorriso tentador.

Sigo atrás dela escada abaixo, a gargalhar, mas com uma certa dureza entre as pernas e um aperto no estômago.

Desfrutamos de uma bela refeição em família, como quase nunca fazemos. A Julliet acaba por não comer nada, mas a ocasião pedia por um despertar diferente. Celebrativo. E sim, não devemos cantar de galo, ou lá o que seja, mas preciso deste ambiente leve, onde estou rodeado pela minha família.

Preciso de sentir que está tudo certo aqui para que dê tudo certo com o meu trabalho.

Capítulo 3

Mallory Mae

“Saudade” é a palavra mais bonita que os meus pais me ensinaram em português. Também é a mais triste, devo confessar. É o misto de sentimento de perda, ausência de algo que amamos ou falta de algo significativo na nossa vida. É, sem dúvida, uma herança bonita. Mas a vastidão do seu significado é aterradora. Já vivi com saudades de amigas, de pequenos hábitos, até de coisas mínimas, mas saudades de alguém que faz parte do meu ser? Nunca tinha sentido. Talvez por nunca ter estado afastada das pessoas que mais amo na vida. Mas desta vez é diferente. Não sei quando voltarei a ver os meus pais.

Manuel e Alexandra, as duas pessoas mais importantes neste universo. São responsáveis por me terem dado vida e sempre estiveram comigo, mas partiram para o outro lado do mundo.

Estou a exagerar, eu sei. Mas voltaram aos Açores depois de quarenta anos a viver aqui em Seattle e deixaram-me aqui, sozinha.

Basicamente, os meus pais vieram dos Açores, o arquipélago português que a *National Geographic* tanto glorifica nas suas páginas. Vieram para os EUA separadamente, aos dez e treze anos, respetivamente. Os meus avós, de ambos os lados, eram pessoas trabalhadoras e decidiram muito cedo que as suas vidas seriam mais prósperas se experimentassem a vida fora de Portugal. Por vias travessas, vieram parar aqui. O meu pai veio para Seattle. O meu avô paterno tinha família aqui e foram ficando. Já a minha mãe, veio para cá numa tentativa dos meus avós salvarem o seu próprio casamento, que por motivos financeiros, estava a afogar-se. A minha avó era uma espécie de *dondoca*, que não gostava de trabalhar, e o meu avô viu-se forçado a arranjar todos os trabalhos possíveis para irem sobrevivendo. Até ao dia em que o meu avô se fartou e pediu o divórcio. Eles separaram-se, o meu avô ficou aqui com a minha mãe e a minha avó voltou a Portugal com o filho mais novo.

Drástico, mas, olhando para trás, penso que foi o melhor. O meu avô viveu muito mais feliz sem a minha avó ao seu lado.

Agora, depois de tanto tempo, a minha mãe decidiu que queria passar o resto da sua vida onde deixou o seu coração: nos Açores.

O meu pai, contra a sua vontade, acabou por alinhar, porque, sejamos realistas, sem ela ele já não é ninguém. E então foram os dois para o Pico, há cerca de dois meses. A terra da montanha. O ponto mais alto de Portugal. Não sei como conseguiram lidar com uma mudança tão radical, mas estão mais felizes que nunca. Passam os dias a não fazer nada ou a fazer de tudo. A minha mãe criou a rotina de ir tomar banho ao mar, vá-se lá imaginar, e o meu pai passa os dias a pescar e a jogar *paddle*. A minha mãe tem alguma família com a qual manteve relação e, segundo o meu pai, tem sido um processo divertido tentar reavivar memórias e conectar-se com a família que já não reconhece.

Quanto a mim, a pouca família com a qual mantenho contacto aqui está toda a mais de três horas de viagem, e, honestamente, não quero ser o tipo de pessoa que depende de outros para se desenrascar.

Fiquei na nossa casa de família até me mudar. Sim, mais uma mudança trágica na minha vida. Vou mudar-me para uma pequena cidade, o que me está a deixar ainda mais ansiosa.

Estou a ser infantil; Spokane tem cerca de duzentos mil habitantes. Está longe de ser uma pequena cidade. É um condado lindíssimo, segundo as fotos que Riley, uma das minhas melhores amigas, me mostrou. Por isso, não sei por que estou a fazer um drama tão grande.

Quando acabei a licenciatura em jornalismo em Loyola (Chicago), há sete anos, achei que precisava de continuar a estudar, e, então, inscrevi-me numa pós-graduação em Comunicação. E a partir daí, foi sempre a subir.

Trabalhei durante quatro anos numa estação televisiva em Seattle, mas, a verdade é que, acabei por perceber que precisava de mudar de ares. A partida dos meus pais meio que me impulsionou a tomar essa decisão.

Isso e o facto de a Riley querer mudar-se de volta para casa, Spokane. Ela é uma das melhores amigas que fiz na faculdade. É médica legista e, até hoje, tem estado a laborar em Seattle, mas as saudades de casa já são imensas e a sua mãe precisa que ela volte por motivos de saúde. Não é nada de grave, mas a minha amiga prefere regressar e acompanhar a mãe. Compreensível.

Fiquei destroçada quando soube que ela também me ia deixar; chorámos durante horas, até que ela me propôs ir com ela. Pelo que me contou e pelo que pesquisei mais tarde, Spokane tem algumas oportunidades de trabalho que me pareceram interessantes, e, embora seja uma mudança drástica de realidades, eu preciso disso na minha vida.

Os meus pais deixaram-me encarregar da nossa casa e já tratei de a arrendar, para me dar alguma ajuda financeira até me estabelecer em Spokane. Inicialmente, vou viver com a Riley na casa dos seus pais, mas o plano ambicioso é conseguir um apartamento para mim. Os meus pais estão numa espécie de reforma antecipada no Pico, e o dinheiro que fizemos da renda será dividido entre nós, para que eles também tenham um extra. Não quero que tenham de se preocupar com nada nesta fase da sua vida.

Não me recordo muito dos Açores; fui lá quando tinha oito anos. Dessa visita, as únicas coisas que ficaram retidas na minha memória foram as baleias no mar, a montanha na terra e o arroz-doce da minha avó no meu estômago. Espero poder fazer uma visita em breve, mas sei que, se for agora, não vou ter coragem de deixar os meus pais para trás.

Porra, tenho mesmo saudades deles...

Olhando ao meu redor, esta sala, que outrora esteve repleta de vida e som, agora está tão vazia e desprovida de vida. Os meus pais fazem falta em todos os aspetos da minha rotina.

Não me refiro a tarefas domésticas ou dependência material. Sou muito independente nesse sentido. Aliás, quando digo que vivia com os meus pais, não é bem assim. A nossa casa é grande ao ponto de que, quando comecei a trabalhar e a ter mais liberdade, pedi para reformularmos o andar superior, e fizemos um pequeno apartamento, com cozinha e tudo. Mas, honestamente? Passava todo o meu tempo livre aqui em baixo com eles. Adoro os cozinhados da minha mãe, por isso pedia para jantar com eles todos os dias, o que era uma alegria para todos. Mas não lhes vou dizer que estou a morrer por dentro por já não estarem aqui. Eles estão felizes, e não quero tirar essa luz das suas vidas.

Eles já fizeram a sua vida praticamente toda, mas eu ainda precisava do apoio deles e dos seus conselhos. E claro que continuo a ter tudo isso, mas à distância de uma vídeo chamada e de um fuso horário de loucos.

O que me valeu foi que a Riley teve de sair do seu apartamento mais cedo, por questões contratuais e pediu para ficar comigo nos últimos tempos. Ela tem sido um grande apoio. Ela e a nossa amiga Erika.

E, tal qual os três mosqueteiros, ficámos até agora a viver todas na minha casa. Inclusive, a Erika vai ficar a viver no apartamento superior quando eu for com a *Ri* para Spokane.

Tornámo-nos inseparáveis ao longo destes últimos anos, e confio na Erika para me manter a casa inteira e para manter debaixo de olho os outros inquilinos.

Faltam duas semanas para eu sair daqui e embarcar em mais uma aventura,

e não paro de me sentir angustiada, assoberbada pelas mudanças que estão a ganhar forma na minha vida.

Quero acreditar que é tudo coisa da minha cabeça, como diz a minha mãe, mas não consigo evitar.

Perdida neste alvoroço de pensamentos, continuo a empacotar caixas com tralha que quero guardar no depósito que aluguei.



São 03h00 quando fecho a última caixa do dia. Estou sozinha em casa. As minhas amigas foram sair. Em vez de me dirigir ao meu quarto, desligo a luz de presença que está ao lado da lareira e deixo-me adormecer no sofá onde a minha mãe costumava dormir as suas sesta.

Adormeço embalada pelas memórias e pela saudade.

Capítulo 4

Mallory Mae

Hoje acordei um pouco em baixo. Na semana passada consegui arrumar tudo o que precisava de ser empacotado. As minhas amigas ajudaram imenso, bem como o Derek, que, apesar de ter sido um acidente de percurso na minha jornada, acabou por se revelar bastante útil.

Mas é exatamente por isso que hoje acordei na merda. Vou-me embora daqui a uma semana. Não sei o que esperar ou que planos fazer, até porque estou numa fase em que nenhum plano é o melhor plano. E dou por mim numa espécie de relação estranha, onde não fazemos nada além de sair e sexo.

Eu não sei nada sobre ele, a não ser que também vem de uma cidade mais pequena e, para azar meu, perto de Spokane. O seu pai foi Presidente da dita cidade, e a sua mãe morreu quando ele ainda era adolescente. Tudo informações que me passou no primeiro encontro. Encontro esse, marcado pela Riley, logo a seguir aos meus pais terem ido embora, e que, segundo ela, foi uma “prenda de despedida”. Não quero parecer fria ou arrogante, mas não quero uma relação com o Derek. Demos umas cambalhotas e foi bom. Ele ajudou-me a passar o tempo enquanto me sentia triste com a ausência dos meus pais. Mas, se for honesta, eu não o conheço e ele tampouco me conhece. Se lhe perguntar algo pessoal, a única coisa que ele vai saber depois destes dois meses é a minha posição sexual favorita e a cor da minha roupa interior, que não deixa espaço para dúvidas: preta. Toda ela. Eu sinto que falo, e ele simplesmente não me ouve, mas é demasiado bom na cama.

Ah, merda... acabo sempre metida numa situação desconfortável por não saber dizer que não. E foi isso que aconteceu com o Derek. No início, a ideia de sair com alguém que a minha amiga encontrou numa aplicação pareceu-me descabida, mas a Riley vendeu-me o conceito de forma muito aliciante: rapaz giro, sem complicações, sexo sem merdas. Pareceu-me bom para desanuviar, mas a verdade é que o tiro me saiu pela culatra.

O Derek é educado, nota-se que tem estudos e que vem de uma família rica. Não sei o que faz da vida, porque, sempre que começamos a falar, ele